

O PATRIARCADO NÃO AGE SOZINHO: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR COMO ESPAÇO NORMATIVO

Paulo Cesar Ferreira Soares

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, paulosuaires@outlook.com

Helena Ferreira Duarte

Universidade Estadual do Ceará – UECE, helena24.fd@gmail.com

Resumo

O modelo de sociedade atual, no qual as crianças estão inseridas, é machista, racista, misógino. Nesse contexto, as crianças já sentem e constroem uma percepção inicial sobre as posições de gênero pré-definidas socialmente, ou seja, internalizam essas diferenças. Dessa forma, o trabalho na docência e nessas modalidades de ensino, quais sejam: a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir dessas percepções, fez-nos pensar sobre qual o papel da escola enquanto espaço educativo. Neste cenário, o presente texto surge da experiência enquanto docente, quando foi perceptível ações machistas desde a mais tenra idade, pelas quais, após uma busca por aprofundamento teórico e prático, foi possível caracterizá-las nas instituições em exercício. Tais ações tinham, enquanto fundamento, a normatização das crianças. Sendo assim, compreendendo que nos constituímos como seres sociais, e com base nas relações estabelecidas com as experiências de vida, e com a contribuição das pessoas que nos rodeiam numa relação de troca, entendemos que a construção do eu e do outro é formada de forma simultânea. Portanto, o texto segue uma discussão materialista histórico-dialética, a qual compreende o micro atrelado ao macro, logo não sendo possível pensarmos em um modelo de educação sem discutirmos todas as demandas sociais, históricas e econômicas que lhes encobre.

Palavras Chave: Normatização; Patriarcado; Educação.

INTRODUÇÃO

É no início da vida que acontecem os primeiros momentos de experiências e apreensões de humanidade vivenciadas pelo indivíduo, é no convívio com o outro, com os conhecimentos historicamente construídos, que se ampliam as habilidades sociais. Nesse sentido, apenas a forma como nascemos não é suficiente, pois o conhecimento não é inato e é por meio das interações e de um processo contínuo que os seres se tornam sociais. (VIGOTSKI; LURIA, 2014).

Compreendendo que é no ambiente escolar que a criança amplia o seu convívio social e que nesses espaços educativos há um forte contribuinte para a aquisição da linguagem social, este passa a ser um aliado dos interesses da sociedade dominante, a qual por meio de

preconceitos, discriminações, forma indivíduos que agem de acordo com os seus interesses.

Percebemos na escola um espaço potente para que a criança construa sua identidade pessoal e coletiva, produzindo sentidos sobre o mundo que lhe rodeia. À vista disso, acreditamos que, a sociedade se constitui enquanto machista, com uma linguagem misógina, diferenciando as pessoas por gênero social e, no ambiente educativo, tais ações também são propagadas, as crianças perceberão o mundo com uma organização na qual o homem ocupa supremacia social em relação à mulher.

Não queremos com isto invalidar o papel social da escola, tão essencial para nós pertencentes a classe trabalhadora. Mas sim, atentarmos para sua função de também normatizadora social, agindo a favor da classe dominante. Ademais, corroborando com Tonet (2005), não é praticável esperar que, nos dias de hoje, a educação escolar seja completamente orientada para promover a emancipação dos indivíduos. Porém, é plenamente possível realizar atividades educativas dentro desse contexto que tenham como objetivo principal a busca pela emancipação¹.

METODOLOGIA

Compreendendo que o objeto tem sua existência independentemente da consciência de quem o pesquisa, e que capturar a essência das coisas significa questionar e descrever a realidade em um movimento histórico composto por determinações e mediações que envolve o fenômeno que buscamos analisar, faz-se necessário descobrirmos os mantos que o encobrem, analisando-o histórico-socialmente em sua dinâmica de movimento, numa visão que contemple todos os seus aspectos.

Sendo assim, em termos metodológicos, somente a noção de totalidade, ancorada no materialismo histórico-dialético, possibilita observar para além do visível imediato. Dessa forma, consideramos o materialismo histórico-dialético capaz de apreender a problemática da realidade empírica, possibilitando a abstração do real pensado a fim de conceituá-lo.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Reconhecemos o ser humano enquanto um ser vivo, que se reconstrói constantemente,

¹ Ver em: TONET, Ivo. Educação, cidadania e emancipação humana. Ijuí, Unijuí, 2005.

é o movimento que lhe faz sobreviver, que lhe permite avançar em suas buscas e, assim, mudar sempre. Sendo o movimento inseparável da vida humana, enxergamos na faixa etária das crianças toda uma possibilidade de mudança concreta da realidade. Não queremos com isso advogar por uma infância enquanto possibilidade salvadora da humanidade, mas sim que estando as crianças em formação de consciência, vislumbramos, sim, num modelo educacional, numa possibilidade de modelo social por meio da luta, contribuirmos com uma formação de consciência que não reproduza os ideais da sociedade capitalista.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS OU FINAIS

Acreditamos no princípio educativo enquanto possibilidade de revolução por parte da classe trabalhadora, sendo por meio da organização, da militância, da conscientização de classe, que possa vir a ser possível a libertação dos explorados e oprimidos, corroborando com Marx e Engels (2012), que a libertação só ocorrerá em sua totalidade com a emancipação dos seres humanos, libertando-os da exploração, da opressão e das divergências entre as classes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí, Unijuí, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 12 ed. São Paulo: Ícone, 2014.

Paulo Cesar Ferreira Soares.

E-mail: paulosuares@outlook.com

Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN (2021). Mestre em Ensino também pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN (2017); Graduado em Letras pela Universidade Regional do Cariri - URCA (2004). Servidor efetivo com a função de professor de Língua Portuguesa lotado na Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). Como poeta, tem 04 livros publicados, além de vários folhetos de cordel.

Helena Ferreira Duarte.

E-mail: helena24.fd@gmail.com

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestra em Educação

e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Servidora efetiva do quadro de professores da Educação Básica Municipal da Cidade de Crato - CE. Integrante do Grupo de Estudos Vigotski e a formação do Educador - Universidade Federal do Ceará (UFC). Atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Infantil, Teoria Histórico-Cultural, Linguagem e Patriarcado.